

Dr. Jim Spiegel, Filosofia da Religião, Sessão 6, Argumentos teístas, parte 5, a experiência religiosa e sua relevância para a crença teísta

© 2024 Jim Spiegel e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 6, Experiência Religiosa.

Certo, nós olhamos para uma série de argumentos diferentes para a existência de Deus, maneiras pelas quais alguém pode justificar sua crença em Deus para tentar mostrar que é racional.

Acontece que, no entanto, talvez a maioria das pessoas que são religiosas ou que acreditam em Deus tenham essa visão por causa de certas experiências que tiveram. Então isso levanta a questão: qual o significado da experiência religiosa para justificar nossa crença em Deus? Então, falaremos sobre isso aqui. A experiência religiosa é valiosa ou útil para construir um caso racional para o cristianismo ou para o teísmo de forma mais geral? E se sim, em que grau? Se não, por que não? Então, vamos começar primeiro perguntando: o que é experiência religiosa? Agora, nossa resposta a essa pergunta dependerá de nossa concepção de religião.

Dependendo da definição de religião, uma ampla gama de experiências pode ser qualificada como religiosa, desde um sentimento de um tipo de unidade com a natureza até uma experiência de autorrealização, até algo mais específico em termos de um sentimento de consciência direta do Deus da Bíblia. Mas para muitos crentes religiosos, uma experiência verdadeiramente religiosa deve ser caracterizada como um encontro pessoal com Deus. É assim que muitas pessoas religiosas a caracterizariam: um encontro pessoal com Deus.

É isso que o estudioso de estudos religiosos Rudolf Otto chamou de experiência numinosa. Uma apreensão direta de um ser pessoal que é santo, bom, incrível, separado do sujeito, e alguém de quem o sujeito depende para a vida e o cuidado. Essa é a definição de Otto de uma experiência numinosa.

Acho que é importante destacar vários aspectos disto. Um é que isto deve ser um ser pessoal de alguma forma. Não estamos falando apenas de um tipo de força ou energia ou do universo como um todo.

Estamos falando de um ser pessoal, o que implicaria um tipo de consciência, percepção e preocupação. Um ser que é santo e bom. Há um tipo de qualidade moral nesse ser.

Incrível. Há uma certa grandeza aqui. E distinta ou separada do assunto.

Isso é importante. Em uma experiência numinosa, como Otto definiu, não é apenas um tipo de maneira indireta de experimentar o próprio eu. Estamos falando de um ser que é separado de nós.

E então, finalmente, a ideia de que é um ser de quem a pessoa depende. Há um senso de dependência aqui. Este é um ser que é minha fonte ou a razão da minha existência.

Então, todas essas coisas são parte dessa ideia de uma experiência numinosa. William James, em seu grande clássico, *The Varieties of Religious Experience*, analisa dezenas de tais experiências. É fascinante.

Recomendo muito esse livro. Acredito que ele continua sendo a melhor investigação acadêmica sobre o assunto todas essas décadas depois. Então, podemos argumentar a partir da experiência religiosa para a existência de Deus? E alguns tentaram tais argumentos.

Veremos duas formas diferentes que o argumento da experiência religiosa assume. Uma é às vezes chamada de argumento causal, que raciocina a partir dos efeitos da experiência de uma pessoa para a existência de Deus como a causa. Então, há o argumento da percepção direta, que raciocina que a percepção de Deus de alguém é análoga à percepção de objetos físicos sensíveis que percebemos com nossos sentidos.

Esse é o argumento da percepção direta. Então, vamos começar com o argumento causal da experiência religiosa, raciocinando a partir dos efeitos da experiência de uma pessoa, particularmente quando há uma transformação dramática na vida de uma pessoa. Raciocinando a partir disso para Deus como a causa final dessa transformação.

Muitas vezes acontece que as pessoas que se convertem ao cristianismo ou talvez a alguma outra religião se identificam e dão testemunho sobre as mudanças em suas vidas. Eu era assim, e então vim a Cristo, me converti e me arrependi. Agora, minha vida mudou em todos esses aspectos. Abandonei todos esses maus hábitos e vícios, e agora estou vivendo de uma forma virtuosa ou mais saudável, e Deus é a razão disso.

Esse tipo de testemunho é, pelo menos, implícito em muitos casos, se não explicitamente, um argumento causal para a existência de Deus. Agora, alguns se opõem a isso, que tais experiências religiosas e especialmente as mudanças de vida subsequentes podem ser explicadas psicologicamente e sociologicamente em termos de, digamos, os tipos de pessoas com quem o novo convertido está passando muito tempo. E também, a ideia de que apenas as crenças que a pessoa agora tem e, digamos, os deveres ou obrigações morais que elas parecem implicar, que isso apenas teve um efeito psicológico na pessoa, e agora isso explica por que ela está vivendo sua vida de forma tão diferente.

Então, essas seriam formas psicológicas e sociológicas de naturalizar essa conta. JP Moreland fez um trabalho sobre essa questão, aborda essa objeção e observa que experiências religiosas não excluem fatores psicológicos e sociológicos. Aqueles que estão fazendo esse argumento causal com base na experiência religiosa não precisam negar que há componentes causais psicológicos e sociológicos aqui.

A questão é se essas considerações ou esses fatores explicam todas as mudanças na vida de uma pessoa. A ideia aqui é que há certos aspectos da transformação da pessoa que não podem ser inteiramente explicados em termos puramente psicológicos e sociológicos. Moreland também observa que a estratégia de psicologizar ou explicar sociologicamente a vida da pessoa muda; isso se torna menos plausível à medida que a variedade aumenta na natureza e no escopo da transformação religiosa.

Esses são os diferentes contextos nos quais as pessoas são transformadas. Novamente, no estudo de James, há uma gama muito ampla de contextos, socioeconômicos e culturais, em termos de faixas etárias, e assim por diante, bem como os estados psicológicos das pessoas envolvidas. Quando você vê os mesmos tipos de transformações, transformações dramáticas de vida, em uma gama tão ampla de condições sociais e psicológicas, isso dá mais credibilidade à alegação de que há algo sobrenatural acontecendo aqui.

E então, em terceiro lugar, Moreland observa que a experiência religiosa cristã está ligada a eventos objetivos. Também podemos chamá-la de grade interpretativa, uma estrutura através da qual podemos interpretar os fenômenos da experiência humana. Quando consideramos esses eventos objetivos, especialmente a ressurreição de Cristo e a história das transformações da igreja primitiva até os nossos dias atuais, realmente acolhemos a expectativa de que transformações semelhantes continuarão a ocorrer nas vidas dos cristãos.

E então, é claro, as escrituras nos dão uma estrutura para entender o que realmente está acontecendo quando uma transformação religiosa acontece. Temos essas categorias nas escrituras. A ideia da natureza pecaminosa de uma pessoa antes da conversão é tal que elas são realmente limitadas em termos de quão virtuosamente

podem viver. E então, com a conversão e a entrada do Espírito Santo na vida de uma pessoa, elas são habilitadas e fortalecidas para viver de forma mais virtuosa e honrada diante de Deus.

Esse é um tipo de teologia de fundo que nos dá, novamente, um tipo de expectativa de que esses tipos de transformações ocorreriam. E isso confirma sua verdade. Então esse é o argumento causal da experiência religiosa.

Agora, vamos nos voltar para o argumento da percepção direta da experiência religiosa. Este é um tipo de analogia entre a percepção religiosa ou percepção espiritual de Deus e os tipos mais comuns de percepção que vivenciamos ao longo do dia, conforme vemos, ouvimos, provamos, tocamos e cheiramos diferentes objetos em nosso ambiente. Então, a ideia é que uma pessoa poderia argumentar que, pelo menos em muitos casos, a experiência numinosa e a percepção numinosa são suficientemente semelhantes à percepção sensorial, de modo que poderíamos concluir que a primeira é autêntica.

Assim como podemos ver e tocar objetos físicos diretamente, podemos realmente sentir Deus espiritualmente. Agora, esse argumento, toda a análise usando essa analogia, é desenvolvida pelo grande filósofo cristão recente William Alston, que é um epistemólogo que lida com isso em seu livro *Perceiving God*. Alston foi uma das principais figuras do Renascimento da filosofia cristã de 30 a 40 anos atrás, junto com pessoas como Alvin Plantinga e Marilyn e Robert Adams, e vários outros.

Mas Alston argumenta que há potencialmente bons fundamentos epistemológicos para a alegação de que alguém teve consciência experiencial direta de Deus. Ele defende isso comparando duas práticas que são chamadas de doxásticas ou formadoras de crenças. Essas são percepções sensoriais, que podem ser chamadas de percepções numinosas, que também podem ser chamadas de percepções místicas.

JP Moreland desenvolveu e aplicou várias ideias de Alston aqui, então eu estarei desenhando do trabalho de Moreland assim como eu apresento isso. Então, considere as características ou aspectos básicos da percepção sensorial. Sempre que você olha ao seu redor, e vê mesas e cadeiras e árvores e pedras e grama e nuvens, o que está acontecendo lá enquanto você sente o mundo ao seu redor? Bem, primeiro note que certas condições precisam ser atendidas pelo sujeito para ter a capacidade de percepção sensorial.

A pessoa precisa estar consciente. Ela não pode estar dormindo, precisa haver um certo grau de atenção, e seus órgãos sensoriais precisam estar funcionando corretamente. Para ver seus olhos e o centro visual do seu córtex cerebral e essa neurologia, ele precisa estar funcionando razoavelmente bem. Então, o sujeito precisa atender a certas condições básicas.

Em segundo lugar, a percepção sensorial é sobre quando é verídica, quando é confiável e autêntica; a percepção sensorial é sobre ou direcionada a um objeto. Um objeto que existe independentemente do observador. Então, quando olho em uma certa direção e vejo uma cadeira, minha percepção é direcionada para aquela cadeira, por assim dizer, e aquela cadeira existe independentemente de mim.

Não é uma invenção que minha própria mente está produzindo, e existe independentemente da minha mente. Terceiro, a percepção sensorial tem um aspecto público e um privado. Mesmo que eu esteja vendo a cadeira e tendo minha experiência única dela, se você estivesse aqui e olhando para a cadeira de outro ângulo, ela pareceria diferente para você do que para mim.

Então, o aspecto público é que essa cadeira está disponível para você, eu e outros percebermos, mas dependendo do nosso ponto de vista, ela vai parecer um pouco diferente. Há vários ângulos dos quais poderíamos ver um objeto como essa cadeira, de modo que sua aparência seria ligeiramente diferente de todos esses ângulos e pareceria diferente dependendo da iluminação e assim por diante. Então, há um aspecto público e privado na percepção sensorial.

Em quarto lugar, a percepção sensorial admite uma distinção parte-todo. Não é preciso perceber tudo de um objeto para percebê-lo genuinamente. Novamente, quando olho para aquela cadeira e a vejo, vejo apenas certas superfícies dela, que realmente constituem uma porcentagem muito pequena da composição física geral da cadeira.

Não importa o quão minuciosamente você inspecione qualquer objeto físico, na verdade, você está apenas olhando para uma fração dele por causa da matéria interior que você não é capaz de perceber. Então, há uma distinção parte-todo aí. Só porque você só o experimenta em parte, mesmo que seja uma pequena parte, não significa que você não esteja genuinamente experimentando o objeto.

E, finalmente, há verificações ou testes públicos para percepção sensorial. Como podemos confirmar o que parecemos estar vendo? Estamos realmente vendo? Todos nós já tivemos a experiência de dirigir pela estrada, digamos, em alta velocidade na rodovia, e algo chama nossa atenção, e parece, digamos, um cervo. Ou algum tipo de animal que nos parece incomum em um determinado lugar.

Ei, você viu isso? O quê? Bem, era um veado. Sim, eu vi isso. Certo.

E isso confirma que, sim, eu não estava vendo coisas. O que um veado está fazendo aqui no meio da cidade ou em algum lugar estranho? E é aí que pedimos confirmação. Sabe, uau, olha isso.

O que isso está fazendo ali? Eu estava dirigindo aqui no centro de Indiana alguns anos atrás, e notei em uma das árvores pelas quais estávamos passando que parecia uma águia americana. Perguntei ao meu filho se era uma águia americana. Ele disse, sim, é. Acontece que outros também avistaram águias americanas nesta área, mas foi surpreendente.

Então, eu estava questionando o quão confiável minha percepção sensorial era naquele caso, e busquei uma confirmação pública, por assim dizer, ao perguntar ao meu filho. E ele confirmou. Claro, isso não é infalível, mas quanto mais pessoas você pede para confirmar uma percepção sensorial que você está tendo, mais confiável ela é.

Então, essas são cinco características da percepção sensorial, que são bastante comuns e diretas. E como veremos, como Alston e Morland apontam, esses mesmos tipos de condições se aplicam à percepção mística. Começando com o fato de que certas condições devem ser atendidas no contexto da percepção mística ou numinosa.

O sujeito precisa ter um tipo de, digamos, consciência religiosa ou espiritual. O que quer que esteja em nós que nos permita perceber espiritualmente. E poderíamos acrescentar que tem que haver uma certa disposição, talvez até mesmo um tipo de inclinação, para buscar a Deus.

Talvez isso também seja necessário. Certamente, uma disposição para responder e a habilidade de reconhecer Deus ou pelo menos uma certa realidade espiritual pelo que ela é. No entanto, certas condições precisam ser atendidas para que a pessoa tenha uma percepção mística.

Em segundo lugar, a percepção mística é sobre ou direcionada a Deus como seu objeto. Então, quando uma pessoa tem uma experiência mística, novamente, ela não está apenas vivenciando seu próprio estado mental. Mas se for genuína, a experiência é direcionada e é intencionalmente direcionada a Deus como seu objeto.

Em terceiro lugar, a percepção mística tem um aspecto público e privado, assim como as percepções sensoriais. Outras pessoas podem experimentar Deus. Outras pessoas experimentam Deus.

Mas ninguém mais tem exatamente a minha experiência. Ninguém tem exatamente a sua experiência. É por isso que gostamos de falar sobre experiências religiosas.

Uau, quero ouvir seu ponto de vista ou sua perspectiva. Qual é a visão de onde você está em termos de relacionamento ou encontro com Deus? Então, Deus está, por assim dizer, publicamente disponível para ser experimentado por seres humanos. Mas cada ser humano tem uma abordagem ou perspectiva única sobre Deus.

Em quarto lugar, a percepção mística admite uma distinção parte-todo. Não é preciso perceber Deus exaustivamente para perceber Deus genuinamente. E, claro, seria impossível para qualquer um perceber Deus porque ele é um ser infinitamente grande exaustivamente.

Não há fim para as coisas que poderíamos aprender ou potencialmente entender sobre Deus. Então, talvez toda experiência de Deus esteja chegando a algum aspecto infinitesimalmente pequeno ou limitado de Deus quando você pensa sobre esse encontro com um ser infinito. Há essa narrativa tentadora no Pentateuco onde Moisés pergunta se ele pode ver Deus ou ter algum tipo de encontro direto com Deus.

Ele é informado que, bem, você não conseguiria lidar com isso, certo? Isso acabaria com você. Isso te mataria. Então, eu vou passar, e acho que ele tem Moisés meio que se abrigando, e eu vou te mostrar minhas partes para trás.

Pelo menos, é assim que uma tradução bíblica coloca. As partes para trás de Deus ou a parte traseira de Deus ou o que quer que seja. É apenas uma espécie de dica do ser divino.

E, claro, quando Deus passa, e ele tem esse vislumbre das partes de trás de Deus, isso ilumina Moisés completamente. E seu rosto então brilha tão intensamente que seus companheiros israelitas não conseguem nem olhar para ele. Então, coloque um véu sobre seu rosto.

Você está nos cegando, o que é uma poderosa demonstração ou ilustração da glória de Deus. Isso afetaria esse mortal a ponto de até mesmo um breve vislumbre das partes traseiras ou da extremidade traseira de Deus teria esse efeito em Moisés.

Então, ele teve apenas um encontro direto muito limitado com Deus, mas ele genuinamente experimentou Deus mesmo assim. E então, há testes públicos para percepção mística genuína. E podemos listar alguns deles.

Uma delas é a consistência. Consistência lógica. Nenhum objeto e experiência sensorial, se estamos genuinamente experimentando um objeto físico, pode ser logicamente contraditório.

Se alguém se aproxima de você e diz, ei, acabei de encontrar um quadrado redondo na calçada, é fascinante. Você diz, bem, não sei se o que você encontrou era redondo ou quadrado, mas sei que não era ambos. Não pode ser logicamente contraditório assim.

Tem que haver consistência lógica. Então, é assim quando se trata de percepção numinosa ou mística também. Se for genuíno, as alegações sobre ele precisam ser pelo menos logicamente consistentes.

Então, qualquer um que diga, bem, eu experimentei Deus, Deus é pessoal e impessoal. Isso seria auto-refutação ou auto-destruição. Talvez a pessoa tenha experimentado Deus, mas ela está apenas confusa sobre como articular isso.

Mas Deus não pode ser um ser inteiramente pessoal e inteiramente impessoal. Outro teste para percepção mística verídica é uma certa similaridade com exemplares. E aqui estamos falando de um certo modelo, experiências religiosas ao longo dos séculos.

Voltaremos aos relatos bíblicos e experiências de Deus por pessoas como Moisés, Ezequiel, o apóstolo João e Isaías. Para tomar todos eles como exemplos, todos eles experimentaram extrema humilhação. Eu conheço Ezequiel, Isaías e João; acho que todos eles caíram na presença de Deus como se estivessem mortos.

Isaías diz sobre isso, eu estava me desintegrando, estou desfeito, estou me desintegrando aqui na presença de Deus. E Ezequiel e João caem de bruços. E é assim que tem sido para muitos místicos cristãos ou pessoas piedosas que experimentaram Deus diretamente ao longo dos tempos.

Há um tipo de humilhação extrema. E muitos argumentariam, eu acho plausivelmente, em termos de um encontro direto com Deus, que essa é uma das marcas registradas de uma percepção direta genuína de Deus. Frequência, seria de se esperar que experiências místicas ou numinosas, se forem genuínas, fossem seguidas por experiências semelhantes em si mesmo e em outras pessoas.

Talvez você não experimente o mesmo tipo de intensidade ou o mesmo grau de drama de forma rotineira em termos de sua experiência de Deus. Mas o tipo de consciência de Deus em algum nível deve ser ou pode ser esperado que seja repetido de certas maneiras na vida de uma pessoa. Então isso está dentro da vida de uma pessoa, mas então olhando para outras pessoas tendo experiências semelhantes, isso é exatamente o que você esperaria se esses tipos de relatos fossem confiáveis.

E então, em quarto lugar, consequências benéficas. As consequências de tais experiências devem ser boas para o sujeito, assim como para outras pessoas. A perspectiva da pessoa sobre a vida deve ser melhorada.

Eles devem ser edificados moralmente. Deve aumentar sua capacidade de se dar bem no mundo e tratar bem as pessoas, viver virtuosamente, ser mais honesto, sincero, confiável e assim por diante. Todas as virtudes devem pelo menos aumentar na vida de uma pessoa. Eles devem estar vivendo mais virtuosamente e com mais

integridade como resultado se realmente estiverem experimentando Deus.

Finalmente, deve haver uma certa coerência com as escrituras. A experiência deve estar em conformidade com este corpo objetivo de revelação que temos.

E, novamente, há tantas histórias sobre pessoas que vivenciaram Deus e as mudanças que isso traz em suas vidas. Deve haver algo comparável a isso na vida de uma pessoa se ela realmente vivenciou Deus. Então, Alston e Moreland argumentam que há uma paridade epistêmica entre a percepção sensorial de objetos físicos e a percepção mística de Deus.

Se o primeiro pode ser epistemicamente confiável como uma prática de formação de crenças, então talvez o último também o seja. Agora, aqui estão algumas objeções que foram registradas por um sujeito chamado Keith Augustine. Ele argumenta que o argumento da paridade de Alston falha devido, por um lado, à falta de métodos investigativos publicamente implementáveis para estabelecer a natureza do ser divino.

Por um lado, um problema aqui, e podemos dizer desanalogia, é que não podemos controlar essas experiências como podemos controlar experiências sensoriais. Posso estar confiante de que quando eu voltar para uma sala, terei certos tipos de experiências de mesas e cadeiras e assim por diante. É previsível, mas não posso fazer os mesmos tipos de previsões confiáveis quando se trata da experiência de Deus e encontros místicos.

Agostinho também argumenta que a tremenda diversidade de crenças sobre Deus, e como ele coloca, a existência de práticas místicas massivamente incompatíveis, e a falta de quaisquer razões independentes para considerar qualquer prática mística como sendo mais provável de ser confiável do que qualquer uma das outras, que essa é uma razão também pela qual o argumento de Alston falha. Então, aqui está como eu responderia a esses dois argumentos de Agostinho. Primeiro, com relação à falta de métodos investigativos publicamente implementáveis, acho que poderíamos recorrer às escrituras aqui, revelação especial, e dizer que isso fornece oportunidades para investigação pública sobre a natureza do ser divino.

Há uma infinidade de informações nas escrituras que nos dão uma compreensão muito robusta da natureza de Deus, e mesmo que ainda seja limitada, ainda há muita informação ali. Então, podemos comparar uma concepção bíblica da natureza de Deus aos tipos de alegações que uma pessoa pode estar fazendo sobre a natureza do ser que ela encontrou em sua experiência mística. Então, quando se trata da falta de razões independentes para considerar qualquer prática mística como sendo mais provável de ser confiável do que qualquer uma das outras, acho que esse problema também pode ser abordado por meio do apelo à revelação especial.

A questão é: qual suposta revelação especial é a mais confiável? Isso nos leva a uma discussão sobre uma questão separada, mas vital, que é a religião comparada, análise religiosa comparativa, olhar para diferentes religiões e avaliar seus textos sagrados para ver quais, se houver, são divinamente inspirados. Que boas razões temos, historicamente e de outra forma, para acreditar que, digamos, as escrituras do Antigo e Novo Testamento são uma revelação divinamente inspirada de Deus? Podemos fazer as mesmas perguntas sobre esses textos que podemos fazer sobre o Alcorão, o Livro de Mórmon, os Upanishads, o Bhagavad Gita, os ditos do compassivo Buda e assim por diante. Mas essa é uma questão separada.

É pertinente ao que estamos falando aqui, mas esse é um campo de estudo enorme que tem implicações para nossos pensamentos sobre qual tradição religiosa é a correta.

Então, isso conclui nossa discussão sobre experiência religiosa e sua relevância para a crença em Deus.

Este é o Dr. James Spiegel em seu ensinamento sobre a Filosofia da Religião. Esta é a sessão 6, Experiência Religiosa.